

UM DEBATE AINDA NECESSÁRIO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A FORMAÇÃO E AÇÃO DOS PROFESSORES DE UM COLÉGIO DA REDE ESTADUAL DE PELOTAS NA DISCUSSÃO SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR.

LETÍCIA CAMPAGNOLO CAVALHEIRO¹;
CAROLINA KESSER BARCELLOS DIAS³

¹UFPEl 1 – *le.campagnolo@hotmail.com 1*

³UFPEl – *carol.kesser@gmail.com 3*

1. INTRODUÇÃO

A proposta que tenho me dedicado a pesquisar aborda um olhar de gênero que seja capaz de dialogar e discutir com as disciplinas ministradas na escola enfatizando a formação e atuação dos educadores/professores de uma escola da rede estadual de Pelotas. É digno de um destaque inicial que esta pesquisa não é inédita, mas busca reforçar de forma crítica este campo de debate histórico/historiográfico.

É importante apresentar a fim de dar uma ideia da estruturação da presente pesquisa sua origem mais imediata que teve gênese no trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em História pela UFPEl “Rompendo o silêncio: o ensino de história como possibilidade para discutir as relações de gênero e o enfrentamento à homofobia no contexto escolar”, onde abordei a temática da homofobia e o ensino de história, discutindo de que forma a disciplina de história poderia contribuir na discussão das relações de gênero enquanto produto de processos históricos. Neste trabalho ficou mais evidente a urgência em debater e operacionalizar tal temática no ambiente escolar e a singularidade do papel dos professores na reflexão dessa problemática contemporânea pois, no nosso entender, proporcionará aos estudantes condições para que possam perceber a historicidade do debate sobre gênero, mentalidades, práticas e formas de relações sociais, como uma das principais funções da disciplina de história (PINSKY, 2015), ampliando esta compreensão às demais disciplinas e possibilitando um diálogo a partir da mesma. Por meio de tal prática, onde a teoria em ato pode ser testada, é possível tornar a escola um lugar de diálogo, de construções e desconstruções, oportunizando aos estudantes uma visão crítica das próprias concepções que estes formaram até então. Dessa forma, pretende-se aprofundar a discussão sobre a importância deste debate, sobre gênero e sexualidade na escola, para a ressignificação de pré-conceitos utilizando como fontes a memória reavivada de professores e professoras que responderão os questionários relacionados a gênero e educação, conhecendo seus lugares de fala, sua formação, metodologias trabalhadas e espaços considerados viáveis pela escola para a abordagem de tal temática.

Reafirmo a importância de entender a escola como um lugar de sociabilidade e, como tal, reprodutora de relações existentes na sociedade, embora haja um esforço e empenho para que os estudantes possam interagir e se constituírem enquanto agentes transformadores. No entanto, a escola carrega todo esse tecido social que a compõe, muitas vezes camuflando seus preconceitos. Seffner em seus escritos elenca a possibilidade da escola ser pensada em uma dupla chave: “como local de alfabetização científica e como local de sociabilidade, a sociabilidade do espaço público e dos ideais republicanos, que difere da sociabilidade familiar” (SEFFNER, 2016, p. 48).

Cumprindo esse duplo papel, são perceptíveis as inúmeras atribuições que a escola vai se desafiando, algumas vezes ficando impossibilitada de intensificar ações em vista de conteúdos pragmáticos seguidos à risca para dar conta de um plano que precisa ser alcançado ao final do ano. É possível identificar estas demandas como fundamentais dentro de nossas escolas, que deveriam estar relacionadas à assuntos algumas vezes silenciados como racismo, gênero, sexualidade, gravidez na adolescência, entre uma lista infindável de temas que circulam os pensamentos e as realidades de nossos jovens e adolescentes. Tais demandas constituem-se de um campo de disputa entre docentes e alunos: muitas vezes há o interesse por parte dos alunos, em outras a escola acaba vendo-se acuada em trabalhar com as mesmas.

Frente ao exposto buscamos com nosso trabalho enfrentar em parte a análise dessas situações, buscando compreender o papel da formação e atuação dos professores neste tensionado contexto da contemporaneidade brasileira. Nesse sentido, fazem-se necessários projetos para a formação/capacitação de professores sobre a temática, que deem suporte às leis, já que estas não se bastam sozinhas como sinalizam Freire, Santos e Haddad

“Não bastarão leis se não houver a transformação das mentalidades e práticas, daí o papel estruturante que adquirem as ações que promovam a discussão desses temas [...] para que a escola não seja um instrumento de reprodução de preconceitos, mas espaço de promoção e valorização das diversidades que enriquecem a sociedade brasileira”. (FREIRE; SANTOS E HADDAD, 2009, p. 9)

2. METODOLOGIA

Para analisar o objeto em questão faz-se necessário apontar alguns conceitos que serão fundamentais para compreender o objetivo da pesquisa. A iniciar o conceito de gênero, discutido por diversos autores, dos quais trabalharei com as abordagens realizadas por Pinsky, que sugere o olhar de gênero não somente como algo cultural nas percepções das diferenças sexuais como também a influência das ideias criadas a partir destas percepções na constituição das relações sociais em geral (PINSKY, 2015). Para a autora, o gênero como elemento constitutivo das relações sociais interage com outras variáveis como a classe social, etnicidade, grupo etário, status familiar. Observando tais interações é possível compreender melhor as relações sociais em sua grande complexidade, em que diferentes casos estudados investigam como tais variáveis afetam as vidas dos sujeitos históricos (PINSKY, 2015).

Será importante perceber e compreender as nuances que a discriminação de gênero encontra e, para esta discussão, utilizarei as reflexões de Junqueira que apontam: “Ao ser não apenas consentida, mas também ensinada, a homofobia adquire nítidos contornos institucionais, tornando indispensáveis pesquisas que nos permitam conhecer a fundo as dinâmicas de sua produção e reprodução nas escolas, bem como os seus efeitos nas trajetórias escolares e nas vidas de todas as pessoas. Somos também desafiados a construir indicadores sociais de homofobia nos sistemas escolares para, entre outras coisas, formularmos, implementarmos e executarmos políticas educacionais inclusivas” (JUNQUEIRA, 2009, p. 16).

Estas abordagens precisam estar inseridas num campo mais amplo que compreenda a discussão integrada a reflexões já realizadas por Louro, quando trabalha gênero e educação especificamente na docência. A autora afirma que: “Se as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros, isso significa que essas instituições e práticas não somente “fabricam” os sujeitos como

também, são elas próprias, produzidas, bem como por representações étnicas, sexuais, de classe, etc. De certo modo poderíamos dizer que essas instituições têm gênero, classe, raça” (LOURO, 1998, p. 88). Tal abordagem é fundamental para compreendermos o universo em que estes docentes estão inseridos e o que influencia suas ações e posicionamentos.

Depois de realizada algumas leituras para compreender uma visão mais geral da temática proposta, irei utilizar a entrevista semiestruturada como metodologia para a elaboração dos questionários com os docentes acerca das interrogativas das quais pretendo analisar. Baseamo-nos nas contribuições de Marieta Ferreira e Janaina Amado, que apontam a história oral como pesquisa empírica de campo, indissociável da reflexão teórico-metodológica, demonstrando de maneira mais convincente que o objeto histórico é sempre resultado de uma elaboração: em resumo, que a história é sempre construção (AMADO; FERREIRA, 2002).

Cabe refletir neste embate a identificação do profissional docente e os axiomas sociais diluídos no corpo social o aspecto entre a memória e a identidade. Pohndorf destaca que “[...] o indivíduo é central ao que se refere à memória assim como em relação à identidade, ambas são construídas na sociedade por meio de ações de indivíduos e das relações existentes entre estes. A memória é complexa, pois mesmo se dando na maioria das vezes por meio de trocas sociais, ela é singular ao sujeito. Para a memória recaem as interpretações dos fatos, ou seja, duas ou mais pessoas podem ter vivenciado o mesmo momento juntas, e, tempos depois, ao recordarem-se do vivido poderão ter opiniões totalmente adversas uma à outra” (POHNDORF, 2013, p. 34), evidenciando aspectos fundamentais na análise a qual nos propomos enfrentar na pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o presente momento já foram realizadas leituras referentes à bibliografia procurando ampliar as discussões e conhecer trabalhos já realizados sobre a temática em questão, tais como o trabalho do professor Alfrancio Ferreira Dias, 2013, sobre relações de gênero no trabalho docente, o material desenvolvido por iniciativa federal, “Gênero e sexualidade na escola” 2009, como subsídio para formação de professores em Gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais, entre outros.

Proponho conhecer as abordagens utilizadas pelos docentes que responderão os questionários da escola em apreço, sobre gênero e sexualidade como uma das ferramentas utilizadas para a formação de estudantes cada vez mais capazes de respeitar e conviver com a diversidade. Quando este for um assunto trabalhado de forma integral e com total responsabilidade, estaremos contribuindo com seus processos de construções e apropriações de forma a respeitar as mais diversas formas de expressões, bem como oportunizando espaços de diálogos e debates como instrumento de conhecimento e politização acerca dos conteúdos e temáticas que na maioria das vezes não são abordados.

Em seguida as questões já elaboradas para a entrevista por meio de um questionário: 1. Quem deve orientar o diálogo, juventude/adolescente e sexualidade/gênero? 2. Durante a formação acadêmica, teve acesso a leituras, disciplinas, cursos, debates sobre a temática? 3. Como se portam/sentem-se ao serem questionados em relação à essa temática? 4. Considera importante a discussão da temática no ambiente escolar? 5. Tem acesso à infinidade de material disponível na internet, como artigos, livros digitais sobre a temática? 6. Como capacitar, dialogar, discutir e questionar a sua prática, como professor ou professora

para que, frente ao debate referente à temática Gênero e Sexualidade, possa posicionar-se de maneira a contribuir para um ambiente de diversidade, respeito, convivência. Disserte. 7. Enfrentamos resistências em promover este diálogo na escola? 8. Considera importante a discussão sobre a temática frente ao cenário atual?

4. CONCLUSÕES

Pretendo descrever como acontece o debate sobre gênero e sexualidade e a inserção dos professores da escola da rede estadual de Pelotas, frente ao mesmo; conhecer os métodos utilizados pelos professores para o trabalho sobre gênero e sexualidade nas suas disciplinas; buscando inferir juntamente aos professores sobre a necessidade de abordar tal temática na formação da docência; como também perceber a importância de tal debate para a promoção de igualdade e respeito à diversidade na escola, minimizando os índices de violência de gênero e despertando o pensamento crítico-reflexivo para uma educação não discriminadora.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta Moraes. (orgs.) **Usos & abusos da História Oral**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 2002.

DIAS, Alfrancio Ferreira. **Relações de Gênero no trabalho docente: um estudo de caso no Colégio Estadual Atheneu Sergipense**. 2013. 241 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Sergipe, 2013.

Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Livro de conteúdo. Versão 2009. – Rio de Janeiro : CEPESC; Brasília : SPM, 2009.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. (org.) **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas** – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

LOURO, Guacira L. O gênero na docência. In: _____. **Gênero, sexualidade e educação; uma perspectiva pós-estruturalista**. 2. ed. Petrópolis: Vozes/CNTE, 1998.

PINSKY, Carla Bassanezi. Gênero. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.): **Novos temas nas aulas de História**. São Paulo: Contexto, 2015.

POHNDORF, Marília da Rocha Hofstätter. **O movimento estudantil universitário em Pelotas durante a redemocratização do Brasil (1978 – 1985): memórias de atuações contra a ditadura**. 2013. 139 f. Dissertação (Mestrado em História) Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2013.

SEFFNER, Fernando. Escola pública e professor como adulto de referência: indispensáveis em qualquer projeto de nação. **Educação Unisinos**, São Leopoldo, Unisinos, v. 20, p. 48-57, 2016.